

Como tem filho com nome de pai na campanha!

Herdeiros de famosos podem formar uma nova geração de deputados estaduais e federais

Paula Autran

• Uma nova geração de filhos de peixes promete emergir nessas eleições em todo o Brasil. E não apenas filhos de peixes grandes e pequenos da política, mas também crias de famosos representantes de faunas como a artística já mostram a cara em galhardetes e outdoors de diversas capitais. No Rio, sobrenomes como os de Diogo Cuoco (candidato a deputado estadual pelo PMDB) e Recarey Jr. (concorrente à Assembleia Legislativa pelo PL) chamam a atenção por não estar em propagandas culturais, mas eleitorais. Herdeiros de políticos como Antônio Carlos Magalhães e Fernando Collor tentam se eleger parlamentares.

— Nossa campanha é feita em cima da afetividade que conquistei em anos de TV, com transferência de votos mesmo. Mas Diogo tem uma vocação fortíssima e conta com apoio de políticos experientes. Política é como TV: você começa fazendo figuração e se prepara para ser protagonista — diz Cuoco, o pai, durante uma panfletagem



Sérgio Borges

AO LADO DE DIOGO, Cuoco faz campanha com filhos de porteiros

na Favela da Rocinha.

Toda quinta-feira, ele acompanha Diogo, advogado de 23 anos, em bailes-comício para porteiros e empregadas domésticas. Ambos desenvolvem o projeto "Amigos e amigas do lar", que há dois anos promove encontros semanais de portei-

ros e domésticas. Daí para a política foi um pulo para o rapaz, que também tem ares de galã.

Já o filho de Francisco Recarey, que já foi chamado de dono da noite do Rio, acordou para as urnas mais tarde. Aos 30 anos, Recarey Jr. tenta se eleger com a promessa de lutar pelo cresci-

mento do turismo no Rio.

— Meu pai é meu maior cabo eleitoral — diz o rapaz.

— Ele é independente. Nem precisa de mim — rebate o pai.

Bolsonaro diz querer 'sarneyzar' Rio com os filhos

A contar pelo nome, o advogado Antônio Carlos Magalhães Neto, de 23 anos, candidato a deputado federal na Bahia, já tem grande base eleitoral.

— O nome ajuda, mas a responsabilidade é muito maior — diz o neto do ex-senador Antônio Carlos e filho do senador Antônio Carlos Magalhães Júnior, explicando que o avô não lhe dá moleza.

— O senador separa bem o que é político e o que é pessoal. Só o chamo de avô em família. E ele me chama sempre de deputado — acrescenta.

Em Alagoas, o mais velho dos três filhos do ex-presidente Fernando Collor, o estudante de jornalismo Arnon de Melo Neto, de 26 anos, é um dos mais novos aspirantes a deputado federal, pelo PRTB.

— Não sou o Fernando Collor, cada um tem a sua persona-

lidade. Mas me orgulho de poder estar com ele nessa caminhada — diz Arnon, preocupado em "limpar" a imagem do pai. — Ele cometeu erros e acertos. Eu aprendo com os dois. Talvez tenha faltado a ele o apoio de verdadeiros amigos, mas o do filho ele sempre terá.

Também no Rio, muitos filhos de políticos seguem os passos dos pais. Entre eles, Bernardo Ariston — filho de Augusto Ariston, ex-chefe do Gabinete Civil de Garotinho — lançou-se como candidato a deputado federal pelo PSB. Mas é o deputado federal Jair Bolsonaro (PPB) que mais tem feito herdeiros.

— Vou "sarneyzar" o Rio. Além de Carlos, de 19 anos, que já é vereador, agora pretendo ter o Flávio, de 21, na Assembleia. O Eduardo, de 18, por enquanto está na "suplência". Meu quarto filho, de 4 anos, é o mais perfeito: chama-se Jair e é super boa pinta — brinca Bolsonaro.

— Na política, hoje, só há espaço para quem tem dinheiro ou nome. Meu caso é o segundo — diz Flávio. ■

COLABOROU Arnaldo Ferreira